

**“VENHA PELO MENOS EM LIVRO, EM CARTA, EM VIBRAÇÃO”: CARTAS
DE CAIO FERNANDO ABREU A HILDA HILST**

**“COME AT LEAST THROUGH A BOOK, THROUGH A LETTER, THROUGH
A VIBRATION”: LETTERS FROM CAIO FERNANDO ABREU TO HILDA
HILST**

André Luiz ALSELMI¹

DIP, Paula. *Numa hora assim escura: a paixão literária de Caio Fernando Abreu e Hilda Hilst*. José Olympio: Rio de Janeiro, 2016.

Nas últimas décadas, o mercado editorial brasileiro tem oferecido ao público leitor uma grande quantidade de textos íntimos de escritores, principalmente no campo epistolar. Frequentemente tidas como uma forma espontânea de escrita, com valor meramente referencial, as cartas de personalidades literárias geralmente ganham outra dimensão: constituem-se como uma espécie de laboratório literário, na medida em que se apresentam como espaço para a discussão sobre o fazer poético, como têm demonstrado vários estudos críticos. Ademais, essas missivas também revelam, não raro, grande valor formal, a partir da capacidade inventiva de seus emissores.

Em 2016, mais uma obra contribuiu para avolumar as publicações do gênero epistolar: publicada pela editora José Olympio, *Numa hora assim escura: a paixão literária de Caio Fernando Abreu e Hilda Hilst* – assinada por Paula Dip – reúne 25 cartas inéditas trocadas entre esses dois escritores no período de 1971 a 1990. No prólogo, a jornalista apresenta a origem da correspondência que compõe a publicação: um lote de cartas compradas, em 2010, do poeta baiano Antonio Nahud Júnior, que viveu na Casa do Sol nos anos 1990 e conheceu Caio e Hilda. Esses textos teriam sido entregues ao poeta após uma briga entre os escritores, em que Hilda teria manifestado o desejo de queimar as missivas, sendo impedida por Nahud Júnior.

¹ Coordenador do curso de Letras do Centro Universitário Barão de Mauá. Professor do Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNESP - Universidade Estadual Paulista - Campus Araraquara-SP - Brasil. E-mail: andre_alselmi@yahoo.com.br.

Segundo Dip, as cartas mostram uma outra faceta do escritor: “Aquele era um cara que eu não conhecia: um guri de 19 anos, meio hippie, indeciso se fazia jornalismo, teatro ou literatura” (p. 10). É sobretudo a partir dessa ideia de um Caio “inédito” que a jornalista justifica a importância da publicação da correspondência entre os escritores. Dip completa, ainda, que o Caio dessas cartas “Era bem diferente do Caio que conheci, aos 30 anos, jornalista conceituado, escritor premiado, finalizando os contos de *Morangos Mofados* (Brasiliense, 1982), que seria seu livro de maior sucesso, com mais de uma dezena de edições” (p. 10). Assim, a jornalista enxerga nas cartas “[...] a possibilidade de revisitar a juventude de Caio, voltar com ele à lendária Casa do Sol de Hilda Hilst, um sonho” (p. 10).

Se por um lado as cartas chamam a atenção pelo seu ineditismo, por outro, as missivas não revelam ao público um novo Caio, menos conhecido pelo público (ao menos pela crítica literária), como quer Dip. Isso se deve ao fato de esta não ser a primeira coletânea de cartas do escritor: em 2002, pelo Aeroplano, sob a organização de Ítalo Moriconi, a densa coletânea *Cartas* – com textos que englobam o extenso período de 1965 a 1995 – revelou ao público a intensa atividade epistolográfica do autor. Também em 2016, os vinte anos da morte de Caio Fernando Abreu foram marcados pelo lançamento de uma nova edição das *Cartas*, em *e-book*, pela E-galáxia, mais uma vez sob organização de Moriconi, com acréscimo de um cartão postal e três textos inéditos destinados a Stella Miranda e Marcos Breda.

Além da edição de *Cartas*, outros textos epistolares inéditos do autor também já vieram a público, pela editora Agir: em 2005, em *Caio 3D: o essencial da década de 1970*, foram publicadas seis cartas enviadas à sua mãe, Nair Abreu; no mesmo ano, em *Caio 3D: o essencial da década de 1980*, dez cartas endereçadas a Nair Abreu, Maria Clara Cacaia Jorge, Fanny Abramovich, Luciano Alabarse, Cláudia Abreu e Jorge Cabral; em 2006, em *Caio 3D: o essencial da década de 1990*, seis cartas a Maria Clara Cacaia Jorge, Betty Milan, Fanny Abramovich, Nair e Zaél Abreu.

A própria Paula Dip, amiga de Caio, já havia lançado, em 2009, *Para sempre teu, Caio F.: cartas, conversas, memórias de Caio Fernando Abreu*, pela editora Record, em que foram publicados textos íntimos que ela havia recebido do autor sobretudo quando trabalharam juntos. Nesse sentido, as correspondências reunidas no volume organizado por Dip em 2016 vêm somar-se ao grande número de textos epistolares já disponíveis aos estudiosos da obra caiofernandiana.

Entretanto, a maneira como a obra da jornalista encontra-se estruturada e organizada – em uma espécie de romance biográfico – parece atender a fins mercadológicos, estando mais voltada a um público leigo que a estudiosos da obra do escritor. Afinal, nada de novo no horizonte: de um lado, apenas informações biográficas quase sempre já exploradas em *Para sempre teu, Caio F.*, obra que está na sua 4ª edição; de outro, cartas que, apesar de inéditas, pouco acrescentam às outras anteriormente publicadas nos volumes que reúnem a produção epistolográfica do autor. Trata-se de um recorte das missivas, constituído a partir de um destinatário ilustre: a amiga, hoje consagrada grande escritora.

A obra de Dip explora a mesma fórmula já empregada em sua publicação anterior: em ordem cronológica, a autora narra, numa espécie de conversa, em um tom semiformal, a trajetória dos escritores, entremeada de relatos, depoimentos, entrevistas – e até mesmo textos literários – dos próprios escritores ou de amigos célebres, intercalados com opiniões críticas sobre as produções de Hilda e de Caio. Assim, em uma espécie de reportagem biográfica, com acentuado tom jornalístico, pouco se ouve a voz de Dip em meio ao recorte de vozes que seleciona para compor sua trama. Quando a jornalista se manifesta, muitas vezes o faz por meio de clichês, como quando afirma: “[...] esses dois se reconheceram num par fatal e improvável que brindou a língua portuguesa com momentos de êxtase” (p. 141).

A obra encontra-se estruturada em pequenos capítulos, possivelmente a fim de evitar uma leitura cansativa: em “O escritor encontra sua voz”, o conteúdo está centrado na importância da correspondência de Caio Fernando Abreu; em “À sombra da figueira”, numa espécie de contextualização, são apresentados ao leitor os personagens dessa trama e a maneira como se conheceram; “Amor, infância, sóis e sombra” narra a relação entre os escritores, entre alegrias e brigas, focando-se na descrição da rotina de ambos quando Caio se encontrava na Casa do Sol; “Deus, a morte e o ato de escrever” apresenta as afinidades e as diferenças entre os escritores: os gostos, as preocupações e as crenças; em “Cartas”, são apresentadas as correspondências dos escritores, entremeadas de pequenas narrativas contextualizadoras; em “O trem que já vai passar”, são relatados os últimos anos da vida de Caio Fernando Abreu; por fim, o “Epílogo” apresenta um resumo biográfico da vida dos escritores e algumas informações sobre a amizade dos dois.

As cartas, diferentemente do que possa sugerir o subtítulo da obra de Dip, ao fazer referência à “paixão literária de Caio Fernando Abreu e Hilda Hilst”, são unilaterais –

vinte e três do escritor, contra uma carta e um cartão postal da escritora –, revelando, numa relação de troca epistolar desigual, o amor e a admiração de Abreu por Hilst. As queixas à falta de empenho da amiga em escrever-lhe, aliás, são recorrentes nas missivas: “Acho um pouco chato que você só me escreva quando solicitada, isto é, quando tomo a iniciativa de te escrever. Isso me magoa. Parece que a amizade é um pouco unilateral, mais minha do que sua” (p. 81). Mesmo assim, o escritor não deixa de enviar inúmeras cartas à grande amiga, a quem recorre “numa hora assim escura” (p. 75), suplicando que lhe escreva, como forma de ajudá-lo.

Em relação ao conteúdo, solidão e dor dão o tom das cartas, centradas na descrição de afazeres cotidianos, nos relacionamentos familiares, nas dificuldades do ofício de escritor, na relação com a escrita, na análise crítica de obras literárias, no relacionamento do autor com outras figuras do âmbito artístico, nos comentários astrológicos etc. As missivas revelam ainda os sentimentos, as crenças, os medos e desejos de um escritor instável (seja financeiramente, seja emocionalmente), oscilando entre a exaltação e, mais frequentemente, o desencanto. Como ocorre frequentemente nas edições de textos epistolares, há a preocupação de Dip em suprimir trechos que possam expor terceiros ou, ainda, revelar certos aspectos da intimidade do escritor.

Merece destaque a bela reprodução – quase na íntegra – das cartas originais, “Escritas à mão em papéis amarelados, devorados por cupins, ou datilografados em sua Olivetti portátil, que ele chamava de Virgínia Woolf, sobre folhas finíssimas, brancas ou coloridas, com colagens, desenhos, segredos” (p. 9), como lembra Dip no prólogo. A publicação tenta, assim, explorar essa materialidade do texto epistolar, conferindo à obra um sabor extra aos amantes da literatura epistolar.

Se essas cartas inéditas de Caio Fernando Abreu publicadas em *Numa hora assim escura* não apresentam tanta novidade aos estudiosos da epistolografia do autor, ao menos contribuem para a divulgação, a um público leigo, da faceta do Caio Fernando Abreu epistológrafo, conhecido frequentemente por um público jovem de maneira descontextualizada, em redes sociais. Nesse sentido, a obra possui grande relevância, na medida em que apresenta sua produção de maneira mais contextualizada, fora do nimbo virtual em que não raro se encontra.